

O insulto de Lula

JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

Fico imaginando a cena. Vejo um Lula que, apesar do incentivo de seus áulicos, hesita em puxar o gatilho. E a torcida: “Vai firme, Lula, não tem perigo, que o gatilho está travado!”. Depois de muita hesitação, Luiz Inácio decide e aperta o dedo com força. Desastre! O gatilho não estava travado, e o tiro sai, mortal.

Não sei até que ponto Lula se deixa influenciar por seu séquito empoeirado, de gente enrijecida e ideologizada, mas orgulhosa da própria sapiência. Tanto faz, porque o autor do tiro é aquele que aperta o gatilho. Luiz Inácio será sempre pessoalmente responsabilizado pelo que diz.

Lula não é um caso único. O fenômeno é recorrente: homem público em viagem ao exterior faz às vezes declarações estranhas, contrastantes com a doutrina que deveria estar defendendo. Já assisti a episódios envolvendo diferentes líderes. Até o papa Francisco, no enlevo de ares estrangeiros, já deslizou.

Fato é que Lula já disse coisas de arrearpiar o cabelo, pronunciou frases que contrastam com a neutralidade e a equidistância que a diplomacia brasileira tradicionalmente exhibe diante de conflitos externos. Ele já se posicionou ostensivamente simpático a Putin e avesso à causa ucraniana. Já estendeu tapete vermelho para o ditador Maduro enquanto os demais líderes sul-americanos pisaram o chão nu. As enormidades pronunciadas por Lula — especialmente quando em viagem ao exterior — são muitas. Não vale a pena elencá-las todas.

Holocausto é termo dos tempos bíblicos, de etimologia controversa, que nos chegou por meio do grego antigo. Na seqüência

dos malfeitos da Alemanha nazista, a palavra deixou o contexto da História da Antiguidade, ganhou H maiúsculo e passou a designar o massacre sistemático de judeus perpetrado nos campos de concentração da Segunda Guerra.

A política de genocídio nazista foi tão cruel e violenta que marcou os espíritos. Ninguém quer ver repetir-se o horror daqueles tempos. Tudo foi feito para banir a ideologia nazi-fascista da face da Terra. Na Europa, que assistiu de mais perto às atrocidades daqueles tempos, a legislação de numerosos países proíbe gestos, sinais e palavras que lembrem a barbárie: é proibido macaquear saudações nazistas ou exibir insígnias daqueles tempos.

Todo negacionismo da exterminação dos judeus nas câmaras de gás é ilegal. Um discurso, feito em público como o que Lula pronunciou, é passível de processo, quiçá de encarceramento. Nenhum dirigente no mundo, nem mesmo os aiatolás do Irã, piores inimigos de Israel, ousaram até hoje fazer a comparação que Lula fez — entre o Exército israelense e as hordas nazistas.

O resultado da fala desastrada é a humilhação em dose múltipla. Lula é declarado “persona non grata” em Israel, sinônimo de “impedido de visitar”. Mais ainda: nosso presidente é instado a pedir desculpa por suas palavras. Nosso embaixador é tratado de ignorante e levado ao Memorial do Holocausto “para aprender o que os nazistas fizeram com os judeus nos anos 1940”.

Luiz Inácio teve direito a mais espinhafradas. Israel Katz, ministro do Exterior de Israel, cuja família foi dizimada pelos nazistas: “A

fala de Lula da Silva profana a memória daqueles que morreram no Holocausto”.

Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel: “Lula cruzou a linha vermelha. Suas palavras são vergonhosas e alarmantes. Trata-se de banalização do Holocausto e uma tentativa de prejudicar o povo judeu e o direito de Israel de se defender”.

Dani Dayan, presidente do Memorial do Holocausto: “Os comentários de Lula representam um antissemitismo flagrante e uma combinação ultrajante de ódio e ignorância”.

Yoav Gallant, ministro da Defesa: “Acusar Israel de perpetrar um Holocausto é um traje abominável”.

Até Yair Lapid, líder da oposição, se manifestou: “Os comentários de Lula demonstram ignorância e antissemitismo”.

Registre-se que, nessa derrapada fenomenal, dizer que a fala “foi tirada de contexto” não vai funcionar. Essa desculpa, comum no Brasil, não vale lá fora.

Lula da Silva parece ter incorporado a síndrome de ser pária de Bolsonaro. É curioso como sempre escolhe o lado errado da História. Fica com Putin e despreza a Europa; apoia ditadores e desdenha a democracia; apoia o povo palestino e odeia o povo israelense.

É extremamente preocupante. Um Lula em perceptível processo de envelhecimento, que se aplica a tornar públicas suas convicções pessoais, é um risco na cerzadura de nossa esgarçada democracia, tarefa para a qual foi eleito. Do jeito que vai, ele está se tornando o melhor cabo eleitoral de nossa estridente e folclórica extrema-direita.



Sonhos envelhecem? Ou foi você?

» ILANA TROMBKA

Diretora-geral do Senado Federal e doutora em administração de empresa — Eaesf/ Fundação Getúlio Vargas (FGV)

A juventude é um momento pródigo para se planejar o futuro. E é tão profícuo que não nos contentamos em pensar o que a vida reservará para nós. Somos capazes de antever como será o mundo, por olhos que, no afã de querer conquistar o que está para ser vivido, reconstruam suas histórias e de toda a sociedade. É aquele momento em que não somos mais crianças e entendemos a complexidade das coisas, mas também não somos adultos, para ter a responsabilidade que o tempo traz. A liberdade grassa livre e linda, como um pássaro que aprende a voar e seu único limite são suas asas.

Mas o relógio anda, as responsabilidades aparecem, o “corre” do dia a dia ocupa seu lugar de destaque. Não é que não sonhamos mais...Só que o tempo para isso começa a ficar diminuto. Na verdade, a fase adulta não limita os sonhos, mas os põe em um lugar secundário, onde só podemos estar quando fechamos os olhos à noite. E, às vezes, tão cansados nem lembramos mais do que sonhávamos. As asas parecem pesadas e os voos são mais curtos.

Alguns dirão que é o efeito da rotina ou das responsabilidades. Outros mostrarão os cabelos brancos ou, ainda, os poucos cabelos. Mas há um grupo que não se desfez de seus sonhos, apenas os deixou dormindo para que pudessem se encontrar à noite no silêncio do luar ou no amanhecer com os raios de sol. Eu sou desse grupo. Nunca os esqueci mas, é verdade. Deixei-os descansando por um longo sono, sabendo que estavam ali, em um canto confortável de minha cama, cobertos e quentinhos, como sementes sendo preparadas para eclodir.

Foi o que aconteceu há poucos dias, quando depois de mais de duas décadas e meia finalizei minha formação acadêmica com a obtenção do título de doutora. Um desafio de fôlego para quem teve que conciliar os estudos com o trabalho, com a família e com as responsabilidades da vida adulta.

Diz-se, na academia, que a formação de um pesquisador deve ser feita logo após a graduação pois, assim, haverá mais tempo para consolidar a pesquisa em sua trajetória. Eu acho, respeitosamente, que é porque a maioria ainda pode voar alto no limite se suas asas nessa época, sem compromissos maiores com os ritos da vida adulta.

Aprendi, nessa caminhada — e minha aprovação com distinção não me deixa mentir—, que a maturidade e a experiência têm seu valor em todos os lugares, inclusive na academia. Somos mais corajosos para discordar e temos “horas de voo” suficientes para antever uma tempestade de longe. Conseguimos colocar nossas opiniões sem pressa, raciocinar e construir argumentos com sabedoria e, ao fim, contribuimos para aproximar a ciência da prática de mercado —afinal a conhecemos de perto.

Por outro lado, sabemos aproveitar o que de melhor se tem na vida estudantil: a criação de novos vínculos, a busca pelo aprendizado e até o chope desprezioso ao fim da aula com os colegas (onde aparecem, milagrosamente, as mais promissoras ideias de teses). São momentos prazerosos que mostram que é sempre tempo de acordar nossos sonhos do sono profundo para poder vivê-los de olhos abertos. O gosto da conquista é mais doce, e não menos emocionante.

Nossos sonhos não envelhecem. Nós, sim. Nós envelhecemos, apenas para conhecer melhor os caminhos de fazê-los acontecer.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Eleições municipais

No próximo 6 de outubro, mais de 150 milhões de brasileiros, aptos a votar, vão comparecer às urnas para a escolha de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores dos municípios. As eleições ocorrerão em 5.570 cidades, onde serão disputadas cerca de 60 mil vagas. Para os analistas políticos, essas são as mais importantes eleições para o país, porque dizem respeito à administração política do chamado Brasil real.

É nos municípios que o Brasil existe de fato. Políticos dos mais variados partidos contarão com R\$ 4,9 bilhões para gastar nas eleições. É certo que os partidos que mais fizerem candidatos neste próximo pleito terão também maiores chances de vencer as eleições de 2026. O apoio político oriundo dos municípios conta muito na hora de eleger candidatos em âmbito federal. Os políticos sabem disso e por isso apostam pesado nas eleições de outubro próximo.

A ordem do Palácio do Planalto é investir pesado neste próximo pleito, principalmente para fazer o maior número possível de prefeitos. Os prefeitos trabalham politicamente na ponta. O sucesso de suas gestões, à frente dos municípios, rende vantagens para as siglas nacionais e ajudam muito a ampliar as bases políticas, dando maior visibilidade nas disputas de 2026.

Não é por outra razão que a maioria das ações que influenciam a vida nacional tem sua origem nos municípios. De certa forma, as políticas públicas são mais observáveis e sentidas nos municípios. Os programas dos governos estaduais e federal, voltados à saúde, à educação, ao meio ambiente e à segurança, encontram nos municípios maiores terrenos para se desenvolverem.

Outro aspecto é com relação à qualidade de vida. Nos municípios, esses índices são melhor observáveis, atendendo a população da ponta. Alguns cientistas políticos mostram os municípios como sendo regiões geográficas, onde a democracia é exercida com maior autenticidade, dada à proximidade física dos eleitores com os políticos. Também a fiscalização dessas administrações é melhor acompanhada e cobrada. Com isso, a execução de políticas públicas se dá com maior naturalidade e eficácia.

O conhecimento pessoal e as relações próximas facilitam o acompanhamento dessas gestões, conferindo maior transparência. É ainda nos municípios que ocorre o acompanhamento das gestões políticas e onde o cidadão é quase sempre chamado para ajudar na elaboração de programas de governo. O partido que se mostrar ineficiente na gestão pública do município é sério candidato a perder as eleições no âmbito federal.

O contingente de mais de 60 mil cargos eletivos nas eleições de 6 de outubro, mostra, em número, que essa é a maior vitrine política do país, capaz de elevar ou afundar qualquer legenda partidária. Nesse caso, aqui conta tanto o número de prefeitos e vereadores eleitos por uma sigla partidária, quanto a qualidade desses representantes.

Na matemática das eleições municipais, tem-se que a cada deputado federal eleito corresponde a 112 vereadores. Na relação prefeitos por partido em 2023, tem-se que o maior número de prefeitos pertencia ao PSD com 968, seguido de MDB com 838, PP com 712 e União Brasil com 564. O PT possui 227 prefeitos, ficando em 10º lugar.

Para essas eleições, o atual presidente da República prometeu percorrer todo o país. O PL, partido do ex-presidente Bolsonaro, quer saltar dos atuais 371 prefeitos eleitos para cerca de 1.500 em outubro próximo.

» A frase que foi pronunciada

“Tomo posse como prefeito desta cidade com as mãos limpas e o coração nu, despido estripitisticamente de qualquer ambição de glória. Nesta hora exorbitante, neste momento extrapolante, eu alço os olhos para o meu destino e, vendo no céu a cruz de estrelas que nos protege, peço a Deus que olhe para nossa terra e abençoe a brava gente de Sucupira.”

Odorico Paraguaçu

Universo

» Uma das mais importantes reuniões mundiais acontece na capital da Baviera. A 60ª edição da Conferência Internacional de Segurança de Munique, que começou na última sexta-feira (16), traz discursos importantes que vão reverberar pelo mundo nos próximos anos. Christoph Heusgen, organizador do evento, afirma que a presença recorde de autoridades do mundo é o reflexo da escalada de tensão no planeta. O lema deste ano é “Paz através do diálogo”.

Presença

» Ao todo estiveram presentes mais de 50 chefes de estados e de governos, cerca de 60 ministros das Relações Exteriores, além de mais de 25 ministros da Defesa, assim como outros representantes políticos e militares. Acompanhe aqui na coluna o que disseram os participantes.

» História de Brasília

Amanhã, às 20h20, estaremos na TV Brasília, comentando os últimos acontecimentos da Rádio Patrulha. (Publicada em 1º/4/1962)